



Dialogismos e ponto de vista: um estudo da charge

Dóris de Arruda C. da Cunha¹ (UFPE)

Resumo:

Este trabalho resulta de um de estudo mais amplo das relações dialógicas no discurso da mídia. Fundamentado na teoria dialógica do discurso, o artigo apresenta brevemente algumas questões relativas à diversidade de recepção e transmissão das ideias de Bakhtin, Volochinov e Medvedev, e noções básicas que norteiam a análise do corpus, constituído de charges, gênero que tem o propósito de exprimir um ponto de vista, de se posicionar de forma crítica, condensada e humorística em relação a eventos político-midiáticos. De acordo com a pesquisa em andamento, parte-se da hipótese de que a construção dos sentidos na charge se dá por meio das relações dialógicas que ela coloca em jogo. A análise contempla o enunciado verbo-visual a partir de três categorias – a composição do desenho, a nomenclatura e os modos de relação do dizer atual com os dizeres outros. O estudo mostra que o enunciador constrói um ponto de vista crítico, utilizando simultaneamente desenho, palavras e dizeres de outrem, presentes na memória interdiscursiva. O conjunto apresenta um novo olhar sobre os eventos, que reforça as representações discursivas já construídas na e pela grande mídia em cada momento discursivo.

Palavras-chave: dialogismos, nomenclatura, charge.

Abstract:

This work results from a broader study on dialogic relations in media discourse. Based on the dialogic theory of discourse, this paper briefly discusses the different ways by which Bakhtin, Volochinov, and Medvedev's ideas have been received and transmitted, as well as other basic notions that guide the analysis of the corpus, which is composed of editorial cartoons, a genre whose main purpose is to express a point of view and to assume a criticizing, concise, humorous posture towards events in politics/media. The ongoing research's hypothesis is that meaning in editorial cartoons is construed through the dialogic relations established within them. The verbal/visual utterance is therefore analyzed by three categories: drawing composition, naming, and the way current discourses

relate to other discourses. The study shows that the utterer construes a criticizing point of view simultaneously making use of drawing, words, and utterances from others that exist in the interdiscursive memory. This assemblage brings a fresh look to the events, strengthening representations previously construed through discourse within/by the mainstream media in every discursive moment.

Keywords: dialogism, naming, editorial cartoon.

Introdução

Este estudo faz parte de uma pesquisa sobre a construção de pontos de vista e representação dos eventos midiáticos.¹ Tendo como arcabouço teórico os trabalhos de Bakhtin e Volochinov, revisito inicialmente algumas questões relativas à diversidade de recepção e transmissão das ideias dos autores russos nos últimos 30 anos; em seguida, apresento sucintamente noções para a análise do corpus. Para este artigo foi escolhida a charge, gênero que tem o propósito de exprimir um ponto de vista, de se posicionar de forma crítica, condensada e humorística em relação a eventos político-midiáticos. A charge será analisada a partir das seguintes categorias descritivas: a composição do desenho, o ato de nomear e as formas de alteridade interdiscursiva e interlocutiva. A leitura proposta mostra que o enunciador não só se posiciona, mas também contribui para reforçar algumas representações e opiniões que circulam nas mídias.

1. Sobre a recepção e transmissão das ideias de Bakhtin, Volochinov e Medvedev

Bakhtin, Volochinov e Medvedev não precisam ser apresentados, uma vez que nos últimos 30 anos temos uma vastíssima literatura baseada nas obras desses teóricos. O sucesso do pensamento dos autores, originalmente atribuído a Bakhtin, continua intenso, a ponto de a crítica americana Caryl Emerson² (2003) falar de uma "bakhtinologia" ou de uma

¹ Projeto apoiado pelo CNPq (Processo n° 306349/2010-8), intitulado *Dialogismo, construção do ponto de vista e representação dos eventos midiáticos*.

² A autora é professora de línguas e literatura eslavas, pesquisa sobre o século 19 russo (especialmente Dostoiévski e Tolstói), a tradição crítica russa (especialmente Bakhtin), Pushkin como romancista e dramaturgo; música russa e ópera; prosa da Europa Central e Oriental.

“bakhtinística”, uma indústria bakhtiniana no Ocidente, e de uma divinização do pensador na Rússia, em razão da aplicação de suas idéias a uma diversidade inesperada de domínios. Paralelamente, os estudiosos se debruçaram sobre as várias recepções de Bakhtin e do chamado *Círculo*, sobre a questão da autoria dos textos publicados nos anos 1920 com a assinatura de Volochinov e Medvedev, e sobre a propriedade da denominação *Círculo de Bakhtin*³.

Essas questões são antigas, mas não cessam de ser revisitadas por teóricos russos e ocidentais. A recepção de Bakhtin na Rússia no período de 1975 a 1995 é o objeto do notável livro de Emerson, publicado após o centenário do pensador. É um estudo minucioso dos retratos de Bakhtin feitos pelos russos, da crítica dos bakhtinianos e antibakhtinianos, e de temas fundamentais da obra do autor. Nas palavras da eslavista americana, “Bakhtin testemunhou a transformação de si próprio, de intelectual marginalizado e compulsoriamente aposentado e antigo exilado político, ensinando nas províncias, em esteio de uma vigorosa corrente acadêmica — e mais tarde celebridade de reputação mundial ascendente” (EMERSON, 2003, p. 64). De acordo com o ensaio, a explosão de Bakhtin na Rússia ocorre entre os anos 1980 e 1990. Posteriormente houve um refluxo entre os críticos russos e “o Bakhtin polifônico visto como campeão da liberdade e defensor da voz individual, transformou-se no Bakhtin solipsista, companheiro de viagem stalinista”, razão pela qual Emerson faz a defesa do autor que continua a ser, nas palavras dela, um “dos mais poderosos pensadores do século” (EMERSON, 2003, p. 186).

Algumas dessas questões – autoria, dificuldades das condições de produção e recepção do conjunto da obra dos três autores russos – também foram discutidas por Brait em 1998, numa análise da biografia *Mikhail Bakhtin*, de Clark e Holquist (1998), quando publicada aqui no Brasil. Estudos ocidentais mais recentes revelam que há “vários Bakhtins” e diferentes refrações dos seus conceitos na Rússia, Europa, Estados Unidos e Brasil (EMERSON, 2003; AGUEEVA, 2001; SÉRIOT, 2005; ZBINDEN, 2005; SÉRIOT, 2010; ORNELLAS, 2010) em função dos países, do momento de recepção e das áreas de conhecimento:

³ Relatei algumas discussões em Cunha, 2011; Cunha, 2012, por isso não retomarei a polêmica questão da autoria nem a da denominação *Círculo de Bakhtin*.

O Bakhtin “americano” é um pensador liberal, adversário do totalitarismo stalinista, utilizado algumas vezes pelos movimentos feministas; o Bakhtin “russo” é um pensador moralista e religioso, ortodoxo, personalista e conservador; quanto ao Bakhtin “francês”, é o iniciador da teoria da enunciação, espécie de aluno de Benveniste antes da hora, ou então o renovador da teoria marxista das ideologias. (AGUEEVA, p. 1).

Essa diversidade de interpretações e transmissões deve-se a uma série de razões, conforme os estudiosos citados:

1ª. A teoria foi formulada no início do século XX num contexto epistemológico “ignorado” longo tempo pelo Ocidente – o da ciência e da linguística russa e soviética – e dada a conhecer noutros contextos muitas décadas depois.

2ª. O contexto cultural e histórico em que os textos foram produzidos — a URSS dos anos 1920. Para Emerson (2003), na cultura russa, a palavra impressa era tida como sagrada e não era livre, por isso no século XIX foram criadas estratégias para iludir a palavra autoritária, entre elas a linguagem esopiana. Todorov (2002) também considera que foi o controle da produção intelectual que levou Bakhtin a usar uma linguagem indireta, esopiana, a não dizer abertamente o que pensava. Segundo este autor, Bakhtin camuflou não só os predicados de suas frases, mas também os sujeitos. Volochinov também tinha uma escrita não muito clara (SÉRIOT, 2010) e os conteúdos das suas obras foram apresentados com títulos que só aparentemente os anunciam.

3ª As condições de vida dos autores russos também dificultaram a interpretação dos escritos. Há diferentes versões da origem de Bakhtin; diferentes referências à instituição onde ele fez seus cursos superiores (Universidade de Odessa, S. Petersburgo, Alemanha) e diferentes versões do currículo feitas pelo próprio Bakhtin, que publicou pouco na década de 1920⁴.

4ª A amplitude da obra de Bakhtin que aborda temas de vários domínios — filosofia

⁴ Como se sabe, Bakhtin foi deportado para o Cazaquistão em 1929, voltou em 1936 e só então obteve um emprego de professor num Instituto Pedagógico em Saranski onde permaneceu até 1969, quando se instalou em Moscou até a sua morte. Foi descoberto na URSS nos anos 1960 por estudantes que se tornaram discípulos do seu pensamento, contribuindo muito para a divulgação de suas idéias. Volochinov escreveu poemas e textos sobre música, teve formação filológica, preparou uma tese de doutorado sobre a transmissão da fala de outrem e tornou-se professor em 1925. Era um pesquisador independente e respeitado (SÉRIOT, 2010; TYLKOWSKY, 2010), mas morre em 1936. Medvedev cuja obra não conheceu o mesmo sucesso da dos colegas fez estudos de direito e seguiu cursos de história e filologia. Manteve relações estreitas com Bakhtin a partir de 1920. Foi crítico, teórico, historiador da literatura, professor na Universidade de São Petersburgo onde foi preso e fuzilado em 1938 (MEDVEDEV, 2008).

ou antropologia filosófica, teoria e história da literatura, linguística⁵ (TODOROV, 1981; FARACO, 1988); a publicação desordenada, por fragmentos; o trabalho dos editores dos textos interferindo na escrita; os problemas de tradução apontados por Todorov (1981); Nowakowska (2005); Sériot (2008, 2010); Tylowsky (2010). Todorov (1981) cita, por exemplo, o caso de conceitos como *discurso*, *enunciado*, *heterologia*, *exotopia* que foram traduzidos por “equivalentes” obscuros ou foram apagados, ou traduzidos diferentemente nas línguas ocidentais.

O fato é que, apesar dessas dificuldades, a recepção ocidental nos anos setenta considerou Bakhtin um dos maiores pensadores do século XX (HOLQUIST, 1983 apud VAUTHIER, 2007), como o mais importante pensador soviético no domínio das Ciências Humanas e o maior teórico da literatura do século XX (TODOROV, 1981), como um grande pensador do hibridismo, da amalgamação, da inconclusividade (EMERSON, 2003), etc. Por outro lado, a importância de Medvedev e a autonomia do pensamento de Volochinov são defendidas por pesquisadores russos e eslavistas (VAUTHIER, 2007; 2008; GRILLO, 2012; IVANOVA, 2003; 2012; SÉRIOT, 2005; 2010; TYLKOWSKI, 2010, entre outros). Contudo, é importante mencionar o alerta dado por Vauthier (2007) para “as reviravoltas que se desenham na recepção ocidental”, especialmente as acusações de plágio e de fraude pela crítica anglo-saxônica e francófona⁶. Para Zenkine (2012, p.2), “esse é o preço da glória: por serem tão venerados e estudados, alguns autores célebres são submetidos a uma crítica textual meticulosa que termina por negar, se não sua existência física, ao menos a unidade de sua obra e a pertença de suas partes a uma só e mesma pessoa. Os filólogos debateram durante muito tempo a “questão homérica”: hoje o mesmo infortúnio ocorre a Bakhtin”.

A recepção dos autores russos⁷ no Brasil tem sido bastante produtiva e merece ser lembrada neste número dedicado à teoria dialógica. Bakhtin chegou aqui pelos literatos como em outros países. Nos anos 1960, Boris Schnaiderman, crítico, escritor, tradutor e professor de língua e literatura russa na Universidade de São Paulo, teve contato com o pensamento bakhtiniano através da leitura de *Problemas da poética de Dostoiévski* na edição

⁵ Não só Bakhtin, os demais autores abordam o discurso na literatura e na vida.

⁶ Não podemos nos esquecer que este é um dos numerosos pontos de vista sobre os autores e a teoria dialógica, que como todo ponto de vista é constituído por sujeitos de um determinado lugar ideológico e teórico, de modo que não pode ser tomado como uma “verdade”.

⁷ Embora Medvedev tenha sido traduzido diretamente do russo em 2012, muitos estudiosos tiveram acesso a traduções para o inglês, espanhol e francês.

italiana. Publicou artigos e ensaios sobre Dostoievski e Bakhtin, o qual se tornou referência nas suas aulas de literatura da graduação e pós-graduação. (ORNELLAS, 2010).

Os linguistas encontram Bakhtin nos anos 1980 pela tradução brasileira de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, momento em que o estruturalismo hegemônico passou a ser mais fortemente questionado. O pensamento dos autores causa então grande impacto, uma vez que não só critica mas também aponta uma alternativa para o estudo da estrutura da língua. Ademais, traz uma diversidade de temas pertencentes a várias disciplinas, como explica Faraco (1988): linguística, filosofia da linguagem, sociolinguística, pragmática, análise do discurso, psicolinguística; semiótica; epistemologia; estética; teoria literária; história literária; psicanálise; história da cultura popular.

Nos anos 1990, aparecem muitas publicações a partir do conjunto de temas bakhtinianos. Merecem destaque os documentos oficiais como os *Parâmetros curriculares nacionais* que adotam as concepções de linguagem e gênero da teoria dialógica e o *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD) cujos critérios de avaliação fundamentam-se nas mesmas concepções.

Nos anos 2000, multiplicam-se os estudos que fazem uso de conceitos dos autores russos. Brait (2008, p. 115) postula que as propostas teóricas de Bakhtin e do Círculo podem ser consideradas uma **análise/teoria dialógica do discurso** e aponta sugestões fundamentais nos textos desses teóricos: "a multiplicidade de discursos que constituem um texto e se modificam em função da sua circulação; as relações dialógicas; o pressuposto metodológico de que *as relações dialógicas* se estabelecem a partir do ponto de vista assumido por um sujeito; as consequências teórico-metodológicas da visão de que as relações dialógicas não são dadas, mas estabelecidas a partir de um ponto de vista; o papel da linguagem e dos sujeitos na construção dos sentidos; a concepção de texto como assinatura de um sujeito".

Em suma, os escritos do chamado *Círculo de Bakhtin* tornaram-se uma fonte inesgotável e os estudos bakhtinianos⁸ no Brasil, numerosos e consistentes. Considerando que no momento atual a teoria dialógica faz parte do conhecimento partilhado dos leitores desse número da *Eutomia* e que conceitos da teoria se encontram em outros trabalhos

⁸ Não vou listar os grupos de pesquisa registrados na base do CNPq que mencionam a teoria dialógica. Entretanto vale citar o Grupo de Trabalho *Estudos Bakhtinianos*, criado na ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística) em 2010.

(CUNHA, 1992; 2002; 2008; 2009; 2010), farei apenas uma brevíssima retomada de noções importantes para a compreensão da análise das charges.

2. Dialogismo, sentido e valor

Em linhas gerais, a abordagem dialógica parte da concepção de linguagem como social, histórica, intersubjetiva, ideológica. Nessa perspectiva, analisar a linguagem é ir além da estrutura da língua e das leis de combinatória que a regem, para considerar a relação com o outro, a circulação dos discursos, a singularidade de cada situação sócio-histórica, o enunciado como evento singular, resposta e tomada de posição num contexto específico de construção de sentidos. Esta opção pode ser traduzida numa recusa do normativo, do homogêneo, do geral por Bakhtin, teórico da pluralidade, da plurivalência, da diversidade, da inconclusividade, dos movimentos ininterruptos da linguagem concreta em gêneros do discurso.

O dialogismo, a principal base deste estudo, é compreendido frequentemente como presença do outro em enunciados concretos, seja por meio do já-dito, seja das possíveis objeções e questionamentos do interlocutor para quem eles são endereçados. No entanto, o dialogismo não é apenas uma categoria descritiva para analisar a inscrição de vozes ou as relações entre textos. Pertence ao discurso e remete ao fato de que parte do já-dito não é marcada, mas é evocada e reconhecida por se encontrar disponível na memória interdiscursiva de uma comunidade social.

Assim, o dialogismo coloca o enunciado no centro das relações interdiscursivas, o que conduz a observá-lo não apenas no contexto imediato, mas na sua história. Isso significa que o enunciador não é a única fonte do enunciado nem do sentido, uma vez que toda enunciação por mais significativa e completa que seja é apenas “um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p.229). O enunciado se configura portanto como ponto de encontro de visões de mundo, discursos, tendências, teorias, etc.

É importante destacar também a inseparabilidade de dois conceitos-chave na teoria dialógica: sentido e valor. Para os autores russos, qualquer enunciado – da réplica de um diálogo às obras filosóficas e científicas passando pelo romance — é uma “manifestação de uma posição axiológica” (FARACO, 2009, p. 101), é um ponto de vista sobre o mundo e tem

um autor. Nas palavras de Bakhtin (2003, p.3), “na vida, reagimos com um juízo de valor a todas as manifestações daqueles que nos rodeiam”. Essa visão é expressa de forma semelhante por Volochinov, para quem o enunciado tem uma orientação apreciativa: “na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p.95).

Nessa perspectiva, as relações dialógicas são relações de sentidos, que são inseparáveis do conteúdo axiológico, como ilustra a leitura das três charges a seguir.

3. Análises das charges

As charges que compõem o corpus deste estudo foram publicadas em dois *momentos discursivos*⁹: o primeiro é o da chamada gripe suína, cujo corpus foi coletado a partir do dia 28 de abril de 2009, quando saíram as primeiras notícias sobre o vírus Influenza A-H1N1. As charges foram publicadas entre os dias 28/04/09 a 10/05/09, no *Jornal do Commercio* (de Pernambuco); e entre os dias 01/05/09 a 10/05/09, no jornal *Folha de São Paulo* (disponíveis nos sites www.folha.com.br e www.jconline.com.br). O segundo momento é o da falsa denúncia de financiamento por Cuba da campanha presidencial de Lula em 2006. O corpus é constituído de textos publicados na imprensa, a partir da denúncia publicada na revista *VEJA, Campanha de Lula recebeu dinheiro de Cuba*, publicada em 29/10/2005.

A charge é um gênero constituído o mais das vezes por desenho e escrita¹⁰, com o propósito de comentar e se posicionar de forma condensada sobre fatos contemporâneos, no momento específico em que se estabelece a relação discursiva entre os eventos. Daí a necessidade de se articular nas análises categorias descritivas como a composição da imagem (ARABYAN, 2006), a nominação e as formas de alteridade interdiscursiva e interlocutiva que se encontram no texto para construir os sentidos do enunciado.

Sendo um texto verbo-visual, a charge passa por uma “reformulação sintática” (ARABYAN, 2006), operação de percepção e interpretação, por meio da qual o leitor conceitualiza a relação entre texto e desenho, ambos carregados axiologicamente. Na

⁹ A noção refere-se a um “fato ou evento /.../ que dá lugar a uma abundante produção midiática e que deixa igualmente alguns indícios a mais ou menos longo prazo nos discursos produzidos posteriormente a propósito de outros eventos”. Moirand (2007).

¹⁰ Isso significa que há charges que não contém elementos verbais.

realidade, o conjunto constitui um enunciado, cuja leitura efetua um trabalho de síntese do que é visível e do que é legível. Embora seja um texto do gênero comentário, a charge não deixa de ser uma forma de narrativa do discurso verbal que está em circulação.

Dessa forma, podemos ler a charge como Arabyan (2006) lê a imagem da publicidade, que representa personagens em ação, articulando a axiologia horizontal, com a vertical e a diagonal. Tendo em vista que na nossa cultura, a leitura se faz da direita para a esquerda, a maioria dos desenhos são orientados para a direita. Essa orientação esquerda-direita pode simbolizar uma relação de passagem temporal do tipo antes/depois ou uma relação de ação. Arabyan (2006) aponta uma relação do mesmo tipo na direção alto/baixo e outra em diagonal, cruzando os valores dos dois eixos. Essa orientação será observada juntamente com a análise do verbal, do dialogismo¹¹ que se inscreve nos desenhos, nas palavras, nas construções, nos dizeres percebidos na ordem do discurso.

CHARGE 1



<http://jc3.uol.com.br/jornal/charge.php?dth=2009-04-28>

Do ponto de vista visual, o porco representa iconicamente a doença cuja primeira denominação foi *gripe suína*. A colocação espacial dos dois personagens da charge indica a sequência temporal: à esquerda, o porco apavorado lê a informação nos jornais sobre uma suposta epidemia; à direita, a imagem de Lula com um enunciado dialógico-resposta, ou seja, primeiro surgiu a notícia e em seguida o governo respondeu. Os dois parecem estar no mesmo plano, porém a imagem de Lula, ligeiramente na frente da do porco, juntamente

¹¹ Segundo Baronas (2009), a quase totalidade dos trabalhos que se debruçam sobre as charges mostram uma relação argumentativa e dialógica entre discursos.

com o fato de que só ele “fala”, coloca-o como personagem principal. Os sentidos da charge são complementados pelos elementos verbais: o enunciado - gripe suína se alastra – é retomado dos textos circulantes nesse *momento discursivo*¹², e reacentuado, uma vez que aparece como manchete do *Jornal do Commercio* que o porco está lendo.

O texto da charge *Calma, que é apenas uma "marolinha"* demanda algumas explicações. A primeira refere-se à escolha da palavra *marolinha*, que traz à memória um dizer de Lula noutro *momento discursivo*, o da crise econômica de 2008, quando ele declarou no dia 04 de outubro: “Lá (nos USA), ela é um Tsunami; aqui, se ela chegar, vai chegar uma marolinha que não dá nem pra esquiara.” O pronunciamento do ex-presidente, neste contexto tinha o intuito de tranquilizar a população, de fazê-la continuar a consumir para que a recessão não atingisse o país. A palavra *marolinha* foi usada não para designar um objeto (pequena onda), mas para representar metaforicamente o tamanho do impacto da crise no Brasil.

No entanto, *marolinha* foi retomada incessantemente pela mídia nacional inicialmente para criticá-lo e depois para elogiá-lo¹³. A palavra, como se sabe, não dá uma representação do mundo como ele é, mas é sempre carregada axiologicamente. Como diz Volochinov (s/d), elas “não são retiradas do dicionário, mas do contexto da vida onde se impregnaram de julgamentos de valor” (VOLOSHINOV, s/d, p. 10).

Na perspectiva do dialogismo da nomenclatura, nomear é dar um ponto de vista, tomar posição sobre o objeto, escolhendo uma forma de caracterizá-lo, de acordo com a percepção que se tem dele e dos outros para quem o enunciado é dirigido (Siblot, 1998). Em outras palavras, a nomenclatura diz o mundo e ao mesmo tempo exprime a relação com

¹² Alguns exemplos de manchetes da época:

México fecha escolas por temor de gripe suína; 57 já morreram

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u555606.shtml>

ONU convoca comitê de emergência sobre gripe suína no México e EUA

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u555763.shtml>

Anvisa vai aumentar controle em entradas do Brasil para conter vírus da gripe suína

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u556061.shtml>

OMS prepara ação urgente contra gripe suína no México

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u556189.shtml>

OMS diz que gripe suína tem potencial para pandemia e considera situação "grave"

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u556220.shtml>

¹³ Os links abaixo ilustram os dois tipos de retomada:

<http://acertodecontas.blog.br/economia/lula-e-o-competente-discurso-da-marolinha/>

<http://www.afolharegional.com/marco-regis/799-2009-o-ano-em-que-lula-surfou-na-marolinha.html>

outros, cujas vozes estão inscritas no termo utilizado. Para o autor, o ato de nomear pode ser resumido por meio de um desvio da fórmula “diga-me como você nomeia e eu direi quem você é” (aspas do autor).

No caso da declaração do ex-presidente, ele revelou um ponto de vista dele e do governo que posteriormente se confirmou como correto por muitos economistas nacionais e internacionais. Nas retomadas pela mídia, o termo assume novos sentidos em função do ponto de vista do enunciador e de uma série de elementos contextuais.

O que chama a atenção é que *marolinha* tornou-se uma **palavra-evento** e uma **palavra-argumento** na mídia. A primeira refere-se aos casos em que seu uso passa a nomear o evento em que ela foi usada, servindo para estimular a memória e para relembrar eventos anteriores (MOIRAND, 2007). O uso de *marolinha* pela grande imprensa brasileira naquele momento evoca uma avaliação errada ou irresponsável do ex-presidente (a que foi propagada pela mídia). Ela também foi usada como palavra-argumento, como define Moirand (2007), casos em que a palavra é usada na inscrição de uma argumentação, por meio da qual o enunciador faz alusão a eventos e transforma-a em explicações midiáticas que contribuem para dar sentido social a estes eventos. O seu emprego serve aqui a uma argumentação que se apoia numa confrontação de pontos de vista opostos.

Outra explicação refere-se ao emprego das aspas. O chargista utiliza o que Authier-Revuz (2004) define como *modalidade autonímica de empréstimo (MAE)*: fala-se de um objeto qualquer a partir de outro discurso cuja imagem passa pela monstração das palavras. Para a autora, as aspas

“têm o valor de empréstimo (mais do que o de sinal de formulação casual, metafórica, de um jogo de palavras, etc.) e provêm da interpretação; e se, para receptores que não dispõem do já-dito adequado o tamanho e a complexidade sintática do fragmento delimitado funcionam quase sempre como índices da presença de empréstimo, é o próprio empréstimo que aparece claramente; incerto, no caso de palavras isoladas ou de sintagmas curtos”. (AUTHIER-REVUZ, 2007, p. 376)

Na charge, as aspas servem para mostrar que o personagem Lula tomou de empréstimo a palavra da fala efetivamente pronunciada pelo ex-presidente Lula em outro momento e sobre outro acontecimento.

Nas três charges aqui analisadas, o processo de retomada do discurso do outro, se dá por meio da alusão¹⁴, forma de dialogismo interdiscursivo e interlocutivo não marcado, preferida em práticas discursivas que afirmam um elo de pertença a uma comunidade (AUTHIER-REVUZ, 2012). A alusão é proposta para ser reconhecida pelo outro e só pode ganhar corpo se reconhecida (AUTHIER-REVUZ, 2007), postulando, portanto uma comunidade de memórias interdiscursivas que se encontram para identificar um segmento do já-dito, na troca atual. Na mídia, a comunidade são os leitores que acompanham o evento no momento discursivo e partilham uma memória coletiva.

O uso da alusão não impede o enunciador de acentuar elementos do discurso retomado da forma que lhe convém, isto é, em função dos objetivos que deseja atingir: criar polêmica, ironizar, etc. Na charge 1, o pronunciamento do ex-presidente foi retomado de forma paródica, pois, para a mídia, a crise econômica e a gripe suína seriam “tsunamis” e não “marolinhas”. Trata-se portanto de um *discurso bivocal de orientação vária*¹⁵ (BAKHTIN, 1997: 200).

CHARGE 2



<http://jc3.uol.com.br/jornal/charge.php?dth=2009-05-10>

O título no alto à esquerda indica o ponto de partida para leitura da charge em análise, que traz o discurso do outro, sem atribuição. Na realidade, ela concentra vozes multidiscursivas, dando uma imagem impregnada de ressonâncias dialógicas. Publicada no dia 10 de maio de 2009, ela faz alusão a três eventos discursivos: a crise econômica, a gripe

¹⁴ Na realidade, a alusão pode ser ou não intencional e ser ou não reconhecida como tal (AUTHIER-REVUZ, 2007).

¹⁵ “caso de discurso voltado para o discurso do outro, mas com orientação semântica diametralmente oposta à orientação do outro. A segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de luta entre duas vozes.” BAKHTIN, 2007, p. 194)

e as inundações que estavam ocorrendo em diversos estados do norte e do Nordeste do país desde abril de 2009, deixando milhares de desabrigados e desalojados e algumas dezenas de mortos.

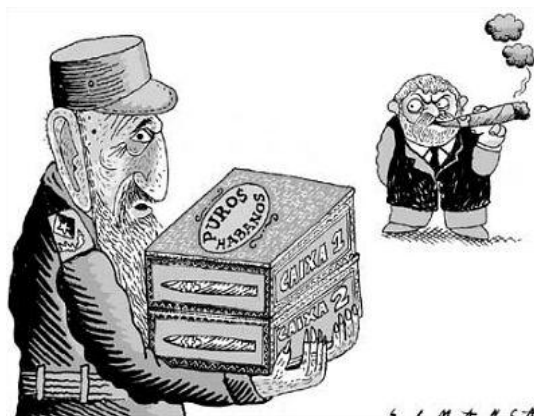
Os elementos visuais da “narrativa” retomam sucessivamente os três eventos – o *Jet Sky* na forma de um monstinho nomeado CRISE, que arrasta Lula; o porco fugindo desesperadamente com Lula da enorme onda (em contraste com a idéia de marolinha); o cacto, o sertanejo com chapéu de couro se afogando, a casa submersa em razão das enchentes deste período.

No entanto, a onda vai da esquerda para direita: sentido inverso da orientação predicada pelo esquema padrão do movimento da imagem. Arabyan (2006) considera que a inversão dá lugar a um contrassenso ou a um sentido negativo: a onda gigante leva todos para uma situação pior: o país, por causa da crise econômica; as vítimas da gripe; os desalojados e desabrigados em razão das chuvas e inundações; o próprio presidente Lula e seu futuro político.

Vejamos o enunciado verbal: a charge faz uso de uma alusão: *Brasil: campeão mundial de marolinhas gigantes*. “Marolinha” acessa a memória interdiscursiva, como vimos na análise da charge anterior. A bivocalidade do enunciado é acentuada pelo uso da antítese *marolinha gigante*, que revela a “luta” de pontos de vista em relação aos três eventos - crise, gripe e inundações gigantescas. Não obstante, o ponto de vista do chargista se impõe: o Brasil é representado como “campeão do mundo”. Esse título pode ser interpretado de diferentes formas, seja de problemas sócio-econômicos, seja na minimização desses problemas. De todo modo, o conjunto — desenho e texto — representa o ponto de vista do enunciador e serve para reforçar a visão que os leitores têm do governo.

CHARGE 3

Simanca (31/10/2007)



Essa charge foi publicada no dia seguinte à publicação da reportagem da revista *VEJA* assinada por Policarpo Júnior que afirmava entre outras coisas:

“A grande interrogação ainda não respondida sobre o escândalo que flagrou o governo e o PT num enorme esquema de corrupção é a seguinte: afinal de onde veio o **caixa dois** do partido? (início da reportagem)

/.../ Uma investigação de *VEJA*, iniciada há quatro semanas, indica que uma das fontes do **caixa dois** do partido foi Cuba.

/.../ O comitê eleitoral de Lula recebeu 3 milhões de dólares vindos de Cuba.

/.../ o dinheiro (estava) acondicionado em 3 caixas de bebida, 2 de uísque Johnnie Walker e outra de Black Label e uma terceira caixa de rum cubano, o Havana Club.”

A charge retoma a denúncia da revista *VEJA* por meio dos elementos visuais: à esquerda, em primeiro plano a imagem de Fidel com duas caixas de charuto; à direita, em segundo plano, a de Lula fumando o charuto, indicando a cronologia dos “fatos” narrados pela revista. Como afirma Brait (2003), a construção de sentidos de uma foto passa pelo tipo de relação que se estabelece entre os dois principais elementos focalizados, no caso acima, Fidel Castro e Lula: a configuração espacial remete a um “movimento” em que Fidel Castro vem trazer um presente para Lula. A imagem dos dois mobiliza saberes partilhados – Lula fumava charutos, existia uma relação de amizade entre ambos, além de afinidades políticas, o que levaria à doação dos dólares do primeiro para a campanha presidencial do segundo.

O presente que Fidel Castro carrega, duas caixas de “puros habanos”, tem duas inscrições *caixa 1* e *caixa 2*. Um dos usos de *caixa 2* mais frequentes refere-se ao financiamento irregular de campanhas eleitorais. No discurso da charge, a expressão remete à denúncia da reportagem, na forma de alusão (a reportagem foi objeto de notícias, editoriais e artigos de opinião, além das notícias de rádio e televisão)¹⁶. Caixa 2 funciona como palavra-evento uma vez que no período de 2005 a 2007 a mídia fez uma série de denúncias de financiamento irregular de campanha. O evento – caso Cuba - foi tratado no jornal *Folha de São Paulo*, na rubrica Escândalo do “mensalão”/**caixa dois** (grifo meu). Carregada de outros dizeres, a fórmula **caixa 2** aparece sem marca de retomada, apagando os outros contextos em que ela circulou, funcionando também como palavra-argumento, com uma orientação axiológica e argumentativa, participando aqui do coro de vozes que reitera o posicionamento da *VEJA*: o dinheiro do caixa 2 veio de Cuba. Na realidade, a charge condensa argumentos nas formas visual e verbal.

Considerações finais

As análises mostram que o dialogismo é o modo central de constituição dos sentidos nas charges, que retomam por meio da alusão o já-dito, o não dito, o anunciado. Esse recurso bivocal se constrói por meio dos processos de condensação, reacentuação, articulação, de modo que o novo conjunto semântico-axiológico, com sintaxe temporal e espacial próprias, estabelece relações discursivas entre “fatos” contemporâneos e discursos que no espaço público, “na realidade” não se encontraram: as charges 1 e 2 articulam o discurso de Lula sobre a crise — a marolinha — e o discurso da mídia sobre a gripe e as inundações de forma condensada, reacentuando a “minimização dos problemas” ou “negligência” do governo. A charge 3, reacentua o *caixa 2* da campanha do ex-presidente Lula, que era um dos temas da reportagem da revista.

O ponto de vista do chargista dita a composição visual e os enunciados verbais, com imagens “narrativas”, organizadas de maneira que o espaço revela a ordem cronológica das

¹⁶ Como diz Bakhtin (1993, p. 99) cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções. Nela são inevitáveis as harmônicas contextuais (de gêneros, de orientações, de indivíduos).

ações: gripe e resposta do governo na charge 1; suposta doação de dólares por Cuba para a campanha presidencial de 2005 e suposta recepção por Lula na charge 3. A charge 2 apresenta uma composição mais complexa, com a inversão da orientação “padrão” (direta-esquerda), com a onda gigantesca dando um sentido negativo para todos os personagens: Lula, o porco, o nordestino, vítima das inundações.

Participam da construção do ponto de vista divergentes ecos dialógicos que podem ser interpretados com base nos textos do mesmo jornal ou presentes na memória interdiscursiva. O conjunto carrega representações heterogêneas, às vezes contraditórias, tece o processo de enunciação, o ponto de vista do jornalista e uma representação do evento na mídia.

Esse estudo mostra também a importância de se analisar os sentidos do enunciado na sua articulação com uma semântica discursiva que considere o processo de nomeação e sua espessura enunciativa, a circulação dos dizeres que passam de um gênero para outro, de um ponto de vista para outro.

Tendo em vista que os discursos das mídias são mediadores de outros discursos, orquestradores de vozes e pontos de vista sobre os eventos, a análise dialógica é incontornável. Ela proporciona uma compreensão crítica dos discursos e pode contribuir para uma maior autonomia dos leitores em relação ao que é difundido pelas instituições midiáticas como “fatos” e “verdades”.

Referências bibliográficas

AGUEEVA, Inna. *Le M. Bakhtine «français»*: la réception de son œuvre dans les années 1970. http://cid.ens-lsh.fr/russe/lj_agueeva.htm

ARABYAN, Marc. *La mise en page de la publicité*, Limoges, Lambert-Lucas. 2006.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Dire à l'autre dans le déjà-dit: interferences d'alterites – interlocutive et interdiscursive – au cœur du dire. In: LORDA, C.U. (éd.), *Polifonia e Intertextualidad en el Dialogo*, Libros, 2012, Madrid, p. 19-44.

_____. Nos riscos da alusão. Tradução VAZ, A. M. e CUNHA, D. A. C. In: *Revista Investigações – Linguística e Teoria Literária*, vol. 20, n. 2, Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2007, p. 9-46.

_____. La représentation du discours autre: un champ multiplement hétérogène. In: LOPEZ-MUNOZ, J.-M.; MARNETTE, S.; ROSIER, L. (eds.). *Le discours rapporté dans tous ses états: question de frontières*. Paris: L'Harmattan, 2004. p. 35-53.

_____. Le guillemet : un signe de langue écrite à part entière. In : *A qui appartient la ponctuation ?*, Actes du colloque international et interdisciplinaire de Liège, 13-15 mars 1997, J.M. Defays, L. Rosier, F. Tilkin, eds, Duculot 1998, p. 373-388.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoïevski*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

_____. *Questões de Estética e de Literatura*. 3ª ed. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1993.

_____. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhaïl; VOLOSHINOV, Valentin. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARONAS, Roberto. L.& Aguiar, Gisele Freitas de A. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: o político na charge. In: *Bakhtiniana*, Revista de estudos do discurso, São Paulo, v. 1, n. 2, 2009, p. 165-182.

BRAIT, Beth. Memória, linguagens, construção de sentidos. In: LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (org.) *Análises do discurso hoje*, vol. 2, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008, p. 115-132.

_____. Leituras, significações, efeitos de sentido. In: *LÍBERO* - Ano VI - Vol 6 - no. 11, 2003, 36-49.

_____. Mikhaïl Bakhtin: autor e personagem. In: *Revista USP*, v. 39, n. 1, p. 158-173, 1998/
Mikhail Bakhtin: o discurso na vida e o discurso na arte. In: DIETZSCH, Mary Júlia (org.). *Espaços da linguagem na educação*. 1 ed. São Paulo: Humanitas, 1999, v. 1, p. 11-39.

CLARCK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo, Perspectiva, 1998.

CUNHA, Dóris de Arruda C. da. O outro no discurso - representação e circulação. Série *Bakhtin – Inclassificável* 3. Campinas, SP, Mercado das Letras, 2012 (no prelo).

_____. Formas de presença do outro na circulação dos discursos. In: *Bakhtiniana*, Revista de estudos do discurso, São Paulo n. 5, 2011, p. 116-132.

_____. Circulação, reacentuação e memória na imprensa. In: *Bakhtiniana*, Revista de estudos do discurso. São Paulo, n. 2, 2009, p. 23-39.

_____. Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. In: *Matraga*, n. 22, 2008, p. 129-144.

_____. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: BEZERRA, DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2002, p. 166-179.

_____. *Discours rapporté et circulation de la parole*. Leuven/Louvain-la-Neuve: Peeters/Louvain-la-Neuve, 1992.

EMERSON, Caryl Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin. Rio de Janeiro, DIFEL, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo, Contexto, 2009, p. 95-111.

_____. *Linguagem e diálogo – as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

_____. A invasão silenciosa e a má-leitura. In: *Uma introdução a Bakhtin*. Curitiba, Hatier, 1988, p. 19-36.

GRILLO, Sheila Camargo. Prefácio. A obra em contexto: tradução, história e autoria. In: MEDVEDEV, Pavel N.; Círculo de Bakhtin, *O método formal nos estudos literários – introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução E. V. Américo, S. C. Grillo. São Paulo, Contexto, 2012, p. 19-38.

IVANOVA, Irina. Le dialogue dans la linguistique soviétique des années 1920-1930. In: *Cahiers de l'ILSL*, n, 14, 2003, p. 157-182.

MEDVEDEV, Pavel N.; Círculo de Bakhtin, *O método formal nos estudos literários – introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução E. V. Américo, S. C. Grillo. São Paulo, Contexto, 2012.

MEDVEDEV, Pavel N.; Cercle de Bakhtine *La méthode formelle en littérature*. Edition critique et traduction de B. Vauthier et R. Comtet, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 2008.

MOIRAND, Sophie. Les discours de la presse quotidienne – observer, analyser, comprendre. Paris, PUF, 2007.

NOWAKOWSKA, Aleksandra. Dialogisme, poliphonie : des textes russes de M. Bakhtine à la linguistique contemporaine. In: BRES, Jacques et al. *Dialogisme et, polyphonie – approches linguistiques*. Actes du colloque de Cerisy, Bruxelles, DE Boeck & Larcier S.A. Editions Duculot, 2005, p. 19-32.

ORNELLAS, Clara Ávila, Mikhail Bakhtin no Brasil: primeiras repercussões. *Espéculo*. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid, 2010. El URL de este documento es <http://www.ucm.es/info/especulo/numero43/brabaj.html>

SÉRIOT, Patrick. Préface. Volochinov, la philosophie de l'enthymène et la double nature du signe. In : VOLOCHINOV, Valentin N. *Marxisme et philosophie du langage – Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Nouvelle édition bilingue traduite du russe para Patrick Sériot et Inna Tylkowska-Ageeva. Limoges, Lambert Lucas, 2010, p. 13-109.

_____. Traduire la langue ou traduire le discours : à propos de Marxisme et de philosophie du langage de Voloshinov. In: *Traductions scientifiques & transferts culturels 1*, Actes du colloque de relève organisé à l'Université de Lausanne le 14 mars 2008 par la Formation doctorale interdisciplinaire, édités par Jérôme Meizoz & Patrick Sériot, Université de Lausanne, 2008, p. 5-15.

_____. Généraliser l'unique : genres, types et sphères chez Bakhtin. In: *LINX*, 56, 2007, p. 37-53.

_____. Bakhtine en contexte : dialogue des voix et hybridation des langues (problème des limites). In: *La quadrature du cercle de Bakhtine*. Traductions, influences et remises en contexte. Centre de traduction littéraire, n. 45, Univ. de Lausanne, 2005, p.203-225.

SIBLOT, Paul. De l'um à l'autre. Dialectique et dialogisme de la nomination identitaire. In: BRES, Jacques et al. (eds.). *L'autre en discours*. Coll. Praxiling/Dyalang, Montpellier, Université Paul Valéry, 1998, p. 27-43.

TYLKOWSKI, Inna. *V. N. Volochinov en contexte*. Essai d'épistémologie historique. Tese de doutorado, Université de Lausanne, 2010.

TODOROV, Todorov. L'héritage de Bakhtine. In : CAREL, Marion (éd.) *Les facettes du dire : hommage à Oswald Ducrot*. Paris, Editions Kimé, 2002, p. 341-347.

_____. *Mikhail Bakhtin – le principe Dialogique, suivi de Écrits du Cercle de Bakhtin*. Paris,

Seuil, 1981.

VAUTHIER, Bénédicte. Introduction La poétique sociologique de Pavel Nikolaevic Medvedev. Première contribution du « Cercle de Bakhtine » à une tentative d' « éclairage réciproque des connaissances et des arts ». In : MEDVEDEV, Pavel N. ; Cercle de Bakhtine *La méthode formelle en littérature*. Edition critique et traduction de B. Vauthier et R. Comtet, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 2008, p. 7-70.

_____. Préface à Bakhtine, Volochinov e Medvedev dans les contextes européens et russe. In : *Slavica Occitania*, 25, 2007, p. 09-43.

VOLOCHINOV, Valentin, N. *Discurso na vida e discurso na arte*. Trad. FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. S.l.: s.d. Tradução para fins didáticos a partir da versão em inglês de I. R. Titunik. In: *Freudism*. New York: Academic Press, 1976. Não publicada. (1^a edição, 1926)

ZBINDEN, Karine. La conquête de l'Ouest : Bakhtine en Amérique du Nord et en Grande Bretagne. In: *La quadrature du cercle de Bakhtine*. Traductions, influences et remises en contexte. Centre de traduction littéraire, n. 45, Univ. de Lausanne, 2005, p. 27-62.

ZENKINE, Serge. Jean-Paul Bronckart, Cristian Bota, Bakhtine démasqué », *Cahiers du monde russe* [En ligne], 52/4 | 2011, mis en ligne le 19 avril 2012, Consulté le 31 mai 2012. URL : <http://monderusse.revues.org/7509>

ⁱ Dóris de Arruda C. da CUNHA, Profa. Dra.
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)/ CNPq
doris@ufpe.br